

Discurso Carlos Carreiras, eleito presidente da Câmara Municipal de Cascais

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Senhoras e senhores Vereadores,

Caras e caros Cascalenses,

Reunimo-nos menos de uma semana volvida sobre uma das maiores tragédias que este país já conheceu.

As famílias fazem o seu luto. As empresas contam prejuízos. E as autarquias fazem o levantamento da devastação social, económica e ambiental.

Permitam-me que as minhas primeiras palavras sejam de pesar pelas vidas brutalmente interrompidas e de apoio às restantes vítimas.

Palavras que sejam, também, de profundo agradecimento aos bombeiros de Portugal. Sobretudo aos bombeiros de Cascais. Gente valente que longe de casa, longe dos seus, correu para socorrer o nosso país e acudir os nossos compatriotas.

Já que estamos na casa do Sr. Presidente da República, um obrigado muito especial ao Sr. Presidente por ter sido o líder de que o país tanto precisava. Mostrou luz no meio da escuridão.

Deu conforto na dificuldade. E esperança na adversidade. Obrigado por ter feito o que todos esperavam de si.

Tenho a certeza que todos nesta sala se juntam a mim para, de Cascais, enviar um abraço amigo e solidário ao país enlutado. Com esse abraço segue a convicção de que das fraquezas faremos forças. Que da tragédia nos reergueremos mais fortes. E que nada, mas mesmo nada, pode ficar como antes.

Como presidente do conselho Geral da Associação Nacional de municípios já tive a oportunidade de solicitar a convocação de um Conselho Geral extraordinário, no qual o coletivo das autarquias do país deve coordenar-se e dar o seu contributo forte e efetivo no apoio os seus membros mais fragilizados.

Quando o Estado Central falha por falência e omissão, com custos pesadíssimos para todos, cabe ao Estado Local assumir a dianteira na ultrapassagem das dificuldades.

Cascais, fiel à sua tradição solidária, está desde a primeira hora a apoiar as populações necessitadas com bens de primeira necessidade.

Conhecendo o espírito solidário do Cascalenses, tantas vezes testado e demonstrado, lançamos uma grande operação de apoio a quem precisa. Chamamos-lhe Cascais Solidário.

Convoco todos e sei que todos vão engrossar esta corrente de esperança. Encontrarão algumas instruções na documentação que foi distribuída pela sala. Quem quiser saber mais sobre como ajudar, pode recorrer aos canais de informação tradicionais da Câmara de Cascais. Toda a ajuda é bem-vinda.

Gostaria que soubessem que até este momento já saíram de Cascais três cargas de bens essenciais, feno e ração animal, que têm como destino o apoio às vítimas.

Também coloquei ao dispor de quem precisar, em momento que considerem oportuno, o recurso ao Banco Genético Vegetal. Para que a reflorestação do nosso país e a reconstituição do nosso modo de vida seja uma realidade tão breve quanto possível.

Todos nós devemos isso a Portugal.

A esta hora, em vários pontos do país, os portugueses juntam-se aos milhares. Indignam-se. Lutam. Para que nada fique como dantes.

Posso garantir-vos que faremos a nossa parte.

Continuaremos a ser um concelho resiliente. Continuaremos a combater as alterações climáticas.

Continuaremos a colocar a proteção das pessoas e bens como prioridade entre prioridades. Áreas em que é reconhecida a liderança de Cascais a nível nacional e internacional.

E se alguém precisar da nossa ajuda ou conselho, nunca o negaremos, como nunca negámos, em nome da solidariedade nacional.

Minhas senhoras e meus senhores,

Quatro anos depois, volto à Cidadela de Cascais para tomar posse como presidente da Câmara de Cascais.

Volto com a legitimidade renovada e reforçada.

Volto com a força executiva recarregada.

Dobra o meu mandato.

Dobra também a honra e a responsabilidade de representar Cascais.

Posso dizer, sem falsas modéstias, que dei o meu melhor para aqui poder estar hoje e assumo o compromisso de continuar a dar para que daqui a quatro anos volte a aqui estar.

Esse trabalho foi, como sempre é nas democracias, avaliado e julgado pelos eleitores.

Dei o meu melhor desde 2013. Não foi a pensar em 2017, ou 2021 ou 2025.

O meu trabalho não se guia por calendários lunares ou ciclos eleitorais. Guia-se pela necessidade e pela responsabilidade.

Pela necessidade de criar condições de crescimento e pela necessidade de revolver problemas que se foram acumulando ao longo de décadas.

E apesar das muitas necessidades que já foram ultrapassadas, muitas mais há ainda por ultrapassar.

O debate sobre os últimos quatro anos está feito. O que interessa agora é falar do futuro.

Lançámos no último mandato os motores de crescimento para um futuro sustentável.

Como tenho dito, a estratégia que apresentamos ao eleitorado não tem, nem podia ter, como horizonte um simples mandato.

Vai muito além disso.

Qualquer cascalense reconhece que velhos problemas (que já conhecíamos) e novos problemas (que vão surgindo) não se resolvem com estalar de dedos.

Gostava de vos falar sobre como, nos próximos quatro anos, vamos por em prática essa visão de futuro, oito anos à nossa frente.

O Executivo que lidero tem uma ambição: fazer de Cascais o melhor lugar para se viver um dia, uma semana ou uma vida inteira.

Para quem é ambicioso, como nós somos, esse objetivo é autoatualizável. Pela simples razão de que podemos sempre fazer melhor.

Para estarmos sempre um passo mais perto dessa ambição, apresentamos um plano político concreto.

Um plano político que quer continuar a democratizar a qualidade de vida em todos os 72 lugares do concelho.

Para que haja um só Cascais.

Um Cascais onde todos os cascalenses, mas mesmo todos, possam ter mais bem-estar económico e social.

Um plano político que reafirme Cascais como um dos melhores lugares do país para ter uma família. E, sobretudo, um dos melhores lugares para viver, trabalhar e investir na Europa.

A visão deste plano político é sustentada em sete pilares.

Porque queremos que os cascalenses vivam mais e vivam melhor, o primeiro pilar é a saúde.

É meu compromisso, e também do Sr. Ministro da Saúde, ter até 2019 um médico de família para cada cascalense.

Para que isso seja possível está devidamente acordada com o Ministério da Saúde a construção por parte da Câmara Municipal de Cascais de mais dois novos centros de saúde (Cascais e Carcavelos / Parede) e a ampliação de um terceiro (São Domingos).

No primeiro mandato criámos as primeiras 100 camas de cuidados continuados. Criaremos, pelo menos, mais 400 nos próximos quatro, incluídas na Rede Nacional de Cuidados Continuados e Paliativos.

E se tudo continuar a correr como tem corrido, se depender da nossa determinação e da dos nossos parceiros, o Hospital Universitário da Católica e do grupo Luz Saúde será uma realidade.

Mais: se tudo continuar a correr como tem corrido, cumpriremos um desígnio por muitos defendido. Criaremos, na zona de Carcavelos – Parede, um Centro Ortopédico de grande impacto a nível Nacional e Ibérico a partir do antigo Hospital Ortopédico José de Almeida.

Não apenas recuperando a tradição de Parede, mas também beneficiando dos recentes investimentos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e da parceria com o Grupo Melo Saúde.

Porque queremos um território que celebre a igualdade de oportunidades, em que os cidadãos e a sociedade cumpram o seu potencial, elegemos a Educação como o segundo pilar.

Vamos aprofundar mecanismos de descentralização que nos permitem já hoje, gerir melhor as nossas escolas. Adequar os currículos à nossa realidade. Contratar pessoal não docente. E envolver as famílias e as comunidades educativas no processo de decisão.

Tal como fiz com o Ministério da Saúde, trabalharei com o Ministério da Educação para resolver os problemas.

Para fazer o que não está feito.

Temos de por fim às aulas em pré-fabricados. Temos de acabar com situações como a da Escola Secundária de Cascais – a Polivalente. Uma escola onde os nossos jovens aprendem num ambiente que oprime o talento, onde os nossos professores ensinam em salas que ofendem a profissão.

Uma escola em que há soluções provisórias desde Maio de 1975!

Assim queira o Ministério da Educação, a Câmara de Cascais está preparada para assumir a responsabilidade de substituir às responsabilidades do Estado Central... e construir ou requalificar todo o parque escolar do município.

Não contem connosco para estarmos mais 42 anos à espera.

Queremos dignidade para os nossos professores e alunos.

Queremos uma nova Escola Secundaria de Cascais e a desejada Escola de Sr. António na Parede.

Cá estaremos para as construir se o Ministério da Educação estiver disposto a acordar connosco o que já acordámos com o Ministério da Saúde.

Nós construímos. E os Ministérios equipam e colocam os profissionais necessários.

Quanto ao ensino superior, como todos sabem, está a correr um daqueles projetos que não cabem num mandato. A NOVA SBE, uma das melhores universidades do mundo, abrirá portas em breve.

Criará um novo tempo de desenvolvimento. Não só no eixo Carcavelos-Parede/ São Domingos de Rana. Trará progresso a todo o concelho.

Com os seus alunos e professores a alugar casas, a recorrer aos nossos serviços, a consumir localmente. Mas também a fixar conhecimento, a investir e a criar novos negócios que, por sua vez, geram mais empregos e prosperidade para o maior número de pessoas.

Por falar em emprego, e porque queremos uma sociedade coesa e com a democratização do bem-estar, ele é o centro do terceiro pilar.

Serão criados, como disse e reafirmo, 5000 postos de trabalho no concelho nos próximos dois anos.

Cabe aos privados com quem estamos a trabalhar dizer quando e como é que esses empregos serão criados, mas será muito em breve.

Mas de uma coisa podemos todos estar certos: sem choques externos, a taxa de desemprego em Cascais, que já é das mais baixas da Área Metropolitana, cairá para valores historicamente baixos.

Passo crucial para uma sociedade boa e decente.

A cultura é o quarto pilar. Gostamos de democratizar a cultura. Não gostamos da visão elitista da cultura em todos pagam o que poucos fruem.

Continuaremos no rumo que todos conhecem e que posicionou Cascais como um dos três concelhos do país com a oferta mais democrática, eclética e cosmopolita no país.

E sim, podem continuar a contar connosco para defender as nossas tradições e o nosso património como este palácio e a fortaleza em que nos encontramos, ou a Casa Sommer aqui ao lado.

Obras que promovemos e apoiamos para que os cascalenses de amanhã saibam de onde vêm e saibam para onde vão.

Saber para onde ir. É isso que caracteriza o nosso quinto pilar: a mobilidade e o ambiente.

A mobilidade é uma condição da liberdade individual e da competitividade dos territórios e das suas comunidades.

Já o ambiente é condição de tudo.

Temos muito orgulho naquilo que fizemos nas duas áreas.

O Mobi Cascais é um projeto bandeira na mobilidade sustentável, estudado por especialistas e decisores políticos.

E no ambiente podemos ter a confiança num concelho que se apresenta sempre de cara lavada, com praias limpas e com mais de 1/3 do território em Parque Natural que continuaremos a valorizar.

Assim como continuaremos a preservar os espaços naturais que contribuem para a qualidade de vida dos cidadãos, mantendo cerca de 50% de território livre da expansão urbana.

Muito ainda está por fazer.

Se nos seus primeiros anos o desafio do MobiCascais foi sair do papel, neste segundo ciclo o seu desafio é crescer. Crescer para ser.

Para ser o sistema preferencial de transporte de todos os que vivem ou trabalham no nosso concelho.

Para ser a solução de mobilidade sustentável de que as pessoas precisam.

Para ser, como tem sido através das tarifas reduzidas para jovens e idosos, uma ferramenta de coesão territorial e social.

E já que falo em coesão, chego ao sexto pilar integralmente à sociedade e associativismo.

Atuaremos aqui em duas dimensões:

Como as comunidades boas não se comandam de cima para baixo, continuaremos a descentralizar poder. Da Câmara para as instituições. Da Câmara para as pessoas.

Promoveremos a liberdade individual, para que cada cidadão seja livre de escolher o seu projeto de felicidade.

Para que as instituições cumpram o seu papel de forças motrizes da sociedade.

Para que restauração da confiança entre eleitos e eleitores continue a ser uma realidade.

Assim, manteremos em curso a reforma da democracia representativa através de mecanismos de Democracia participativa e da Democracia Colaborativa.

A Democracia Cascalense, esta nossa construção coletiva com 654 anos, será mais forte se todos estiverem dentro, se ninguém se colocar de fora.

Para que ninguém fique de fora, vamos atuar numa segunda dimensão: mesmo devolvendo o poder aos cidadãos, há uma rede a partir da qual ninguém pode cair. Há um princípio de dignidade e bem-estar de que ninguém pode ser privado.

Cabe aos poderes públicos, em articulação com as IPSS, garantir que essa rede é capaz de sustentar todos os choques internos e externos.

Do nosso lado, reforçaremos mais de uma centena de programas sociais em vigor. E tenho a certeza de que os nossos parceiros do terceiro setor nos acompanharão.

Para que ninguém fique para trás. Para que ninguém seja deixado cair. Para estamos mais perto da sociedade justa, boa e solidária.

Quanto ao sétimo pilar, o último, resume-se em duas linhas: continuaremos a ser uma câmara de contas certas e continuaremos a trabalhar para entrar na modernidade, na era inteligente, planeando a nossa 'smart city'.

Vamos continuar a reduzir dívida - em si mesmo das menores em termos relativos a nível nacional.

Vamos manter ou reforçar os apoios a quem mais precisa.

Vamos reforçar o investimento público municipal para continuar a não dar tréguas às assimetrias territoriais.

Vamos, no meio de tudo isto, poder aliviar impostos.

Nomeadamente em sede de IMI. Posso desde já anunciar que iremos reduzir o IMI ao longo do mandato. Começando já em 2018 e mantendo as reduções existentes.

Para nós é ponto de honra ter contas certas. Não queremos que sejam os nossos filhos a pagar a nossa dívida.

Por isso, o alívio fiscal que proponho, nunca o escondi, depende do respeito que o Governo tiver pelos compromissos assumidos.

Esperamos que o atual Governo concretize o que muitos no passado não fizeram e devolva aos municípios e às pessoas o que indevidamente tem retido ao longo de anos.

Minhas amigas e meus amigos,

Estes sete pilares são as fundações da nossa ambição.

São o sustento da nossa ambição para Cascais.

São pilares que valem por si mesmos mas sobretudo pelas suas consequências.

Com estes sete pilares não queremos apenas consolidar Cascais como o melhor lugar para viver.

Colocamos estes pilares ao serviço de uma ideia de cidade e de um princípio sustentável de sociedade.

Colocámos todos estes pilares debaixo dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – os ODS. OS ODS são um roteiro de 17 princípios e 169 metas, validadas pelos líderes do mundo, para que o planeta seja um lugar melhor em 2030.

Todas as autarquias têm um papel fundamental na implementação dos ODS. Cascais quer continuar a estar na liderança deste processo.

Cascais quer chegar a 2030 – como já disse trabalho com os olhos postos no futuro, não trabalho limitado por quatro anos – no pelotão da frente.

Para já, é nesse pelotão que estamos.

Não sou eu quem o diz.

Quem o diz é o Sr. Secretário-Geral da ONU, Eng. António Guterres, que muito nos honrou com uma carta em que felicita Cascais pela rápida adoção dos ODS e pelas medidas concretas contidas no nosso plano.

Caras e caros amigos,

Estarei aqui nos próximos quatro, e espero nos quatro seguintes também, como sempre estive: como presidente de todos os cascalenses.

Como depositário da expressão da vontade coletiva, sei o que esperam de mim.

Esperam que lidere Cascais em direção a um futuro que respeite a nossa história e que seja ainda melhor do que o presente.

Esperam que continue a criar emprego, a fortalecer os laços de solidariedade, a olhar para quem mais precisa.

Esperam que continue a afirmar Cascais como referência de qualidade de vida no país e na Europa.

Como tal, não atuo condicionado por qualquer fronteira partidária ou ideológica. Tal como não me deixo condicionar pelas fronteiras que nos tentam artificialmente criar.

Cascais é o princípio e o fim de toda a minha ação política.

Procurarei estender consensos a toda a sociedade de Cascais.

Aos seus clubes, às suas coletividades, às suas associações e às suas gentes.

Sei que juntos somos mais fortes.

Mas a procura dessa abrangência, desse consenso largo, não deve ser, em caso algum, condição para o impasse estéril. Muito menos justificação de inação.

Os cascalenses não querem um poder público parado. Querem um poder público ágil e moderno, com energia executiva e com capacidade mobilizadora.

A cristalização fragiliza-nos mais do que a divergência.

Até porque as cidades são o berço da democracia. São feitas de pluralidade.

Pluralidade de opiniões e de religiões. De ideias e de estilos de vida. De projetos de felicidade ou de proveniências.

Pluralidade respeitadora da lei e dos costumes, da cortesia e da educação.

Pluralidade que está no nosso ADN de Cascalenses.

Pluralidade que não podemos admitir, nunca, que seja posta em causa. Por quem quer que seja, onde quer que seja.

Dentro da diversidade de opiniões deve unir-nos o objetivo comum de um Cascais melhor. Melhor para todas as pessoas.

Esse objetivo é incompatível com o exercício do supérfluo.

Que não se privilegie o pouco que nos separa em vez de valorizar o muito que nos une.

Alguém um dia disse que “construir um jardim não é uma matéria de esquerda ou de direita. É para resolver.”

Também eu digo: grandes ou pequenos, os problemas do concelho são para resolver.

São para resolver sabendo perfeitamente que por cada problema solucionado há outro que surge – o mundo gira e a autarquia não para.

As pessoas não compreenderão que se mantenham as divergências quanto à nossa prioridade na redução das assimetrias entre freguesias do interior e do litoral. É para continuar a resolver.

As pessoas não compreenderão divergências quanto à nossa aposta estratégica no Mar, na fixação do Biomarine e na construção do Centro Nacional de Mar no Forte de Santo António. É para continuar a resolver.

Não compreenderão que, estando reunidas todas as condições para isso, o Governo da República não avance até ao final do ano com a grande reforma da descentralização – uma reforma que Cascais provou ao país que é boa, que é certa e que resulta.

As pessoas não compreenderão divergências quanto à nossa aposta em sistemas de mobilidade que começam a solucionar problemas, como o Mobi Cascais.

Não compreenderão que se volte a adiar uma solução para a linha de Cascais. É para continuar a resolver.

Em alguns casos até, porque a escala dos desafios é demasiado grande, é para resolver com os nossos vizinhos de Oeiras e Lisboa, com quem, no caso da capital, há soluções de mobilidade pendular acordadas.

É para resolver com o Estado. E se porventura o Estado não quiser ou não poder ou não souber resolver, então aí levantaremos a voz para dizer: deixem-nos resolver.

Por último, as pessoas não compreenderão, não aceitarão, que o pior seja sempre o melhor que se consegue dizer e fazer por Cascais.

Minhas senhoras e meus senhores,

Este executivo trabalhará com os olhos postos no futuro.

Esse futuro não é 2021. Esse futuro não são as próximas eleições.

Esse futuro são os nossos munícipes de hoje e de amanhã.

Somos Capital Europeia da Juventude em 2018.

Apelo desde já a que todos se mobilizem para termos uma grande Capital Europeia.

É que ser Capital Europeia da juventude não é um pin que se traz na lapela.

Não é um título que se usa.

Ser Capital Europeia da Juventude é uma convocatória à ação.

“Deixar aos nossos filhos um país melhor do que aquele que recebemos dos nossos pais.”

Esta frase devia ser a regra de ouro da política.

Esta frase devia ser o teste de algodão da boa ou da má governação.

Esta frase deveria ser repetida mil vezes por cada político para que não se quebre o contrato entre gerações.

Infelizmente, sabemos bem que essa frase não é regra. Até é a exceção.

Vamos mudar isso.

Vamos usar a Capital Europeia da Juventude para mostrar à Europa que podemos mudar isso.

Vamos cumprir o contrato entre gerações.

Vamos deixar aos nossos filhos e netos, um Cascais melhor do que aquele que recebemos dos nossos pais.

Vamos ao trabalho. Juntos. Mãos à obra.

Obrigado.”

Palácio da Cidadela de Cascais, 21 de outubro de 2017